

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Carriço Brasileiro

Class.: 183

Data: 7 de Outubro de 1983

Pg.: _____

RAUL DE XANGÔ

QUANDO ÍNDIO ERA SÓ MESMO ÍNDIO

Se um indivíduo der um grito no centro de São Paulo, uma radiopatrulha poderá levá-lo preso. Se um índio der um tremendo berro no meio da aldeia, ninguém olhará para ele, nem irá perguntar por que ele gritou. O índio é um homem livre.

-Orlando Villas Boas

Houve época em que os índios julgavam ser os brancos "os homens do céu" (koikuá kam kuben), não só porque os via cantando e orando para Deus, fazendo gestos com as mãos erguidas e os olhos súplices para o alto. Acreditavam que os homens tinham poderes sobrenaturais; tudo sabiam e possuíam tudo, tinham o dom de eliminar quaisquer doenças e que aquela parafernália de objetos todos que faziam parte de sua bagagem, artigos cuja fabricação não podiam sequer imaginar, só podiam, mesmo, é ter vindo do céu.

Mas, com o passar dos tempos, veio à tona a verdadeira imagem dos koikuá kam kuben, que aos índios trouxe desilusões, ou ao bem dizer, um rosário infundo de decepções. Quando os viram doentes, cansados, violentos e agressivos. A vitrola sem tocar porque quebrou a corda. O rádio parado, sem transmitir mensa-

gens, pela falta de pilhas novas. O barco potente e barulhento reduzido à uma simples canoa, qual ubá movida a remo e varas, porque avariou o motor de popa. E, contam-nos, que a grande decepção, a que acabou com todo o encanto, foi no dia em que os índios surpreenderam os brancos a se banhar no rio e viram que eles tinham umbigos; ali estava a prova inconteste de que aquelas criaturas não eram do Céu e, sim, de outra parte distante, estranha e submissa da Terra.

Depois desse tempo, cresceram os desgostos, os males advindos eram bem maiores e piores que o rosário comprido das decepções.

Os brancos cercavam as aldeias, cortavam estradas, ocupavam os rios, e queimavam e tomavam suas glebas de terra. A maldição que caía nos filhos e nas mulheres.

Ibinare, o demônio imbatível fez

correr sangue, mudando a cor das águas do rio, acabou com as festas e com os crédulos sorrisos e caminha, ainda hoje, gargalhando e pisando nos ossos de Uarrá, o pai-grande de todos os índios que agora está morando no alto de Landí, a árvore sagrada, qual um duende menestrel compondo canções de saudade, lembrando as conquistas passadas e as festas bonitas de Idiaçó.

Que é desse tempo longínquo que índio era só mesmo índio?

Tempo de Inan ou de Kayapó, de comida frouxa, à vontade, privilégio da gula sem freio; e na hora do calor meridiano, de mormaço impertinente, o deleite vadio sob as frondes do castanheiro gigante, o fazedor de sombras. Índio, corpo forte e preguiçoso, adormecido em sesta longa e macia.

Que é feito de Uereribó que cantava e dançava para afastar pra bem

longe o espírito de Latani, a divindade do mal. E que tocava a flauta mágica na floresta de Aruanã, invocando Canxiuê, o Deus do amor e da paz?

Onde encontrar de novo os Anumaniá, Arupati, Maritsauá, Iarumá e Auatáta que faziam festas no Ixan, aldeia da bem-aventurança e Diadoman, a moça mais bela, andar de gazela e pele de jambo, olhos amendoados e cabelos longos, que preparava no terraço varrido e ornado de plantas: peixe assado e milho verde, macaxeira e calugi, o néctar dos encantados?

E os guerreiros de flexas douradas e corrotés rijos, bordunas inquebrantáveis. Que tinham no rosto as omirras azuis circuladas de branco, marcas tribais de uma raça leal e valente que venceu muitas guerras pela paz de sua gente?

E Matucari-Nadí, a velha mãe da aldeia remota, que depois das festanças, vinha contar para os curumins as míticas histórias?

"A do Sol que era um índio valente que andava com a Lua um índio manso. E que um dia, depois que caçaram juntos, a Lua reclamou que o Sol tinha ficado com toda a gordura do alimento que os dois iam comer. O Sol ficou furioso e arremessou a comida quente na Lua, queimando-lhe a barriga volumosa, pois ela estava cheia. As cicatrizes da queimadura ainda hoje aparecem como manchas lunares. A Lua contrariada e muito triste fugiu da Terra e se instalou no Céu. O Sol, sempre valente e perseguidor, foi atrás dela, porém, até

agora, nunca conseguiu alcançá-la. Malogrados os seus propósitos de vingança contra a Lua, começou a perseguir os filhos da Terra, de preferência os que habitavam no nascente. Mandando um calor tão abrasador que os cabelos das criaturas daquela região ficaram da cor do fogo. Os guerreiros, em represália, atiraram muitas flechas ao Sol. E ainda podemos vê-las, são os raios solares, ao nascer e ao pôr-do-sol."

Nunca mais foram vistos os ari-rés, crianças sadias e alegres, como pássaros errantes num bosque florido, que despertavam antes dos albos do dia, na esperança louça e faziam apostas, para quem iria ver primeiro Tainá-Rakan, a estrela-matutina que protege os meninos canoieiros, navegantes felizes que navegavam no Berô-kan, as águas azuis do rio Araguaia.

Ah! Que é desse tempo longínquo que índio era só mesmo índio?

Onde as promessas para Canxiuê?

E os conselhos sábios de Uarrá?

Só mesmo Uereribó que toca sua flauta mágica nas escarpas ásperas dos rochedos distantes, muito além das florestas queimadas e devastadas onde vagueiam os espíritos de Auatáta, Arupati, Iarumá, Anumaniá e Maritsauá.

Dizem que Uereribó compôs uma canção muito triste. Uma nênia, uma endêcha, dessas que têm muitos ais, por não ver mais sobre a Terra, índio que é só mesmo índio. Como foram, desde os tempos mais remotos, todos os seus ancestrais.

Também, onde se encontra Uereribó, nunca que chegarão jornais.